

Rev. 225

10 Escândalo

VALENTIM MAGALHÃES E LUCIO DE MENDONÇA

O ESCANDALO

Critica de Lettras, Artes, Politica e Costames

Vitam impendere vero.

N.º 5 — 28 de maio de 1888

RIO DE JANEIRO

Editor: José Assis Climaco dos Reis

109, RUA DO HOSPICIO, 109

—
1888

Typ. Reis, rua do Hospicio 109

O ESCANDALO

As festas da Abolição; discursorrhagia. A imprensa fluminense e o *Imprensa Fluminense*. O parto da montanha.— Coque-
lin.— Publicações recebidas.

Rio, 28 de maio.

O glorioso decreto legislativo de 13 de Maio foi festejado immensamente, sobretudo na Côrte — como era natural. De 13 a 19 do corrente, de domingo a domingo, não se fez nada nesta muito heroica senão dar vivas á princeza — a "Izabel, a Redemptora" — ao gabinete 10 de março, a Nabuco, a Patrocínio, ao senador Dantas, á patria livre; ver luminarias e ouvir discursos.

E' incalculavel o numero dos que fizeram os dois mais *vivados* heróes do Abolicionismo. Dia e noite, do alto das saccadas d'*O Paiz* e da *Cidade do Rio* despenhava-se fremente, cacho-ante, ininterrupta, a catadupa da eloquencia rejubilosa de Patrocínio e Nabuco. E o bonito é que o publico não se mostrava nunca saciado e farto de tanta rethorica abolicionista: devorava os discursos, applaudia-os a rachar as guellas e as mãos e... pedia mais.

Um delirio! Como ninguem se entendia com tanto regosijo e era preciso que se entendessem

todos, para melhor aproveitá-lo e lhe dar maior lustre, incumbio-se a imprensa de organizar o programma das festas, ao qual deviam adherir governo e povo. E assim foi feito.

A imprensa congregada — com excepção d'*O Paiz*, que foi excluido pela *Gazeta de Noticias*, que era a mão dirigente de tudo aquillo — após haver meditado profundamente, organisou e trouxe a lume um longo e variado programma de festejos e commemorações para os dias 17, 18, 19 e 20 — o qual devia começar por uma missa ao ar livre no campo de S. Christovão e acabar pela publicação de um grande jornal, em que se fundissem todos os outros e que fosse a mais solemne perpetuação do facto ingente pela comfraternisação geral de todos os typos do jornalismo carioca.

O tal programma foi rigorosamente cumprido, valha a verdade. Seja-nos licito, no emtanto, botar para aqui, francamente, a verdade a respeito do que foram taes festas e do papel que nellas desempenhou a imprensa.

Quem fez a festa, ou as festas, foi o povo, o pobre diabo de *Zé Povinho*, que estava contente como tresentos mil ratos dentro de outros tantos queijos, e não se cansava de ver durante noites consecutivas os mesmos balões venezianos, ouvir os mesmos discursos e soffrer os mesmos encontrões e pisadellas... ah! perdão, as pisadellas e os encontrões é que não foram

os mesmos: muito pelo contrario — sempre variados e mais entusiasticos.

O povo é que tudo fez, com a sua delirante alegria e incansavel bôa vontade.

E a prova está em que a parte do programma festivo em que elle não entrou foi um tremebundo fiasco. Referimo-nos ao *Imprensa Fluminense*, o jornal—*bouquet*, o jornal—jornalismo.

Outra prova — a missa campal. Foi excellente no que dizia respeito á população, isto é á concorrência, que foi numerosissima. Mas no que cabia á imprensa — um desastre, mas um desastre completo.

Quando vimos annunciada a missa campal, batemos as palmas, entusiasmados, exclamando: — ” Grandiosa idéia! Bravos á imprensa! „ E imaginámos o surpreendente espectáculo que devia ser: Em meio do campo, em uma elevação, uma grande cruz tosca, de dois troncos mal desganhados, ornamentados pela natureza com parasitas e cipós; no sopé um altar singelissimo: duas vélas meio gastas, o missal e os mais indispensaveis petrechos lithurgicos sobre uma toalha branca—uma cousa mais ou menos como a primeira missa no no Brazil, pintada por Victor Meirelles; e, em pensamento, diziamos que se o celebrante fosse um frade seria ouro sobre azul.

Mas que terrivel desengano, que fulminante decepção a nossa, a de todos os muitos mil ho-

mens que lá fomos, quando vimos uma cruz de sarrafos em meio do campo e, com difficuldade, descobrimos num angulo delle um altar baixo, acachapado, feito de trapos de armador, sova-dos e banaes — uma capellinha de aldeia, a sumir-se tristemente, ridiculamente, na vastidão da praça, sob a cupola immensa do azul — sem poesia, sem grandesa, sem solemnidade. Convidar o povo para ver aquillo foi como chamar um gigante para contemplar um camou-dongo. Gastaram-se contos de réis para aquelle resultado negativo. E pensar-se que se teria conseguido o desejado effeito, completamente, com algumas pedras, dois troncos de arvore, uma toalha de linho e dois tôcos de vela! Genial— a commissão executiva da imprensa—! Tres vezes genial!

Os bailes publicos e os fogos de artificio teriam sido admiraveis sem este senão:— nem foram bailes nem fogos.

O melhor de tudo foi o cortejo civico, que esteve imponente, graças principalmente aos batalhões do exercito e da armada que nelle figuraram e ao grande numero de associações que se fizeram representar. Mas a commissão, ineptamente, não soube prevenir nem evitar que se dêsse ao prestito character carnavalesco, impedindo que se lhe incorporassem *carros de idéias*, com ignobeis allegorias de cartão, e carroções de annuncios. A distribuição de poe-

sias em papeis coloridos completava a apparencia de domingo gordo. Carros havia que parecia virem da Penha. Emfim, o prestito civico foi menos grandioso que *grande*. Não quer isto, comtudo, dizer que possamos ver tão cedo outro igual.

Onde, porém, se *espichou* a imprensa, num *estenderete* pasmoso foi no tal *jornal unico* do dia 20. Todas as folhas diarias — inclusive *O Paiz*, que, condescendente, não quiz ser desmancha-prazeres, mas nella não collaborou — todas ellas fundiram-se naquella; a imprensa fluminense congregou-se, confluio, *crystalisou-se* no *Imprensa Fluminense*. Esse jornal, portanto, sendo a conjuncção dos elementos de todos os jornaes, pode, deve servir de typo, de estalão para se aferir o valor e o poder do jornalismo da capital, especialmente porque é de presumir-se que todos os jornalistas se tenham esmerado em dar quanto de melhor possuem. Foi annuciado o celeberrimo jornal por esta forma :

« Estando fechadas as officinas da imprensa diaria no ultimo dia de festejos, domingo 20, o unico publicado segunda-feira, nesta capital, será o numero especial da *Imprensa Fluminense*.

« *Para este numero concorrem os redactores de toda a nossa imprensa trazendo cada um o contingente de suas secções especiaes.*

« Tambem trará o noticiario do dia, telegrammas, etc., sendo a organisação desse numero confiada a uma commissão especial, que de todas as folhas receberá os telegrammas e noticias que cada uma tiver.

« Tambem receberá annuncios *em numero limitado*, sendo preferidos os que deverem ser *impreterivelmente* publicados nesse dia.

« Para a inserção desses annuncios, os interessados entender-se-hão com o thesoureiro da commissão central, no escriptorio do *Jornal do Commercio*, até ás 6 horas da tarde do dia 19, sabbado.»

Ora, muito bem, desdobremos, vejamos, leiamos agora o «jornal dos jornaes.»

O que logo encontram os olhos soffregos é a gravura do titulo. Que horror! Um ente quasi humano, com uma cara furiosa, que lembra a de Marat, e uns seios maiores que os de Cybele ou Pomona, encostado a um caixão, sustenta com a sinistra uma bandeira desconhecida e com a dextra uma folha de Flandres, em que ha a data memoravel, e berra não sei que para o *F* que está a cahir-lhe sobre o peito, ameaçando furar-lh'o. Um primor!

O artigo de fundo cabia de direito ao redactor-chefe do “*Jornal do Commercio*”, e por elle foi escripto. O successor do dr. Luiz de Castro é o sr. commendador Souza Ferreira.

Ora vejamos como escreve o mais illustre jornalista brasileiro—illustre pela sua elevadissima importancia de director do primeiro orgão de publicidade do imperio. Intitula-se *Salve!* o tal artigo.

Oh! pae do Céu, que rosario de banalidades, que collecção de *chapas*, lusidias á força de muito uso! Começa logo por estas: « A imprensa fluminense, unida hoje em *fraternal amplexo*, saúda o dia 13 de Maio de 1888 como *uma das datas mais gloriosas da historia da Humanidade.* »

Adoravel aquelle *fraternal amplexo!*

Ahi vae o segundo periodo, gryfado nos pontos mais preciosos:

« Um só pensamento congrega neste ponto todos quantos na capital do Imperio traduzem, ordinariamente, por varios modos, a opinião nacional; uma só vontade os guia neste *movimento symetrico*; uma voz, *composta de cem vozes*, um brado, que nasce espontaneo em todos os corações, que irrompe ao mesmo tempo de todos os labios, saúda, harmonico, o bom, o generoso, o nobre povo brasileiro, que, extinguindo a escravidão no meio de sorrisos, de flôres e de benções, paga em um dia a divida de tres seculos! »

Qual o ponto em que « um só pensamento congrega quantos na capital do imperio traduzem... »? Qual é o « movimento symetrico »?

e porque symetrico? O emerito jornalista quiz se referir ao jornal *Imprensa Fluminense*, que é, ao mesmo tempo, *ponto* e movimento symetrico..., mas não lhe chegou a lingua. E continuam as *chapas*, cada vez peiores, pelo artigo abaixo, com um tristonho tinir de ferros velhos:

« Desabrochem, pois, sorrisos, em todos os labios, elevem-se hymnos de gratidão em todos os corações !

« O Brazil ergue o vulto gigante e, com gesto senhoril, estende o braço para o futuro. »

E' de fazer chorar... de semsaboria.

Em seguida vem a *Chronica da Semana*, representando a *Gazeta de Noticias*. Como é sabido, é o dr. Dermeval da Fonseca o chronista d'essa folha. Esse illustre escriptor conseguiu, não sei porque desconhecidos processos, escrever as chronicas mais enfadonhas, desenxabidas e pallidas da imprensa universal. Já é um merecimento.

Logo para começar, ha uma grossa asneira de construcção grammatical. Começa elle assim:

« A semana foi apenas isto: JOSÉ DO PATROCINIO.

Por todas as ruas da capital, desde ás 8 horas da manhã até ás mais adiantadas horas da noite, milhares de boccas pronunciavão entusiastamente este nome, elevando-o muito alto, á justa altura a que o conduzio o seu proprio esforço. »

De modo que o nome de Patrocínio foi conduzido «à justa altura» pelo seu proprio esforço, d'elle nome. Não ha no periodo outro substantivo masculino, singular, com que possa concordar o possessivo *seu* senão o nome: — «aquelle nome.»

E, para acabar, esta deliciosa tolice:

« Hoje, José do Patrocínio está pauperrimo, embora seja o maior *nababo em distincção civica* que o Brazil possue.»

Admirem-me, façam-me o favor, o feitio e a ideia d'esta phrase: «nababo em distincção civica.»

Sendo nababo tomado, como foi, por synonimo de rico, opulento, é incorrecto dizer nababo *em*; a proposição a empregar é *de*. Mas isso não é o mais. A originalidade está em ser o Patrocínio nababo de *distincção* e, de mais a mais — *civica*.

Esta formosa bobagem é como os taes factos que se não commentam, porque apenas — registram-se. Falei do começo e do fim da chronica da *Gazeta*: devo dizer que o meio... não desmerece. Os *macaquinhos* do sotão de José Tella não faltaram a abrilhantar o jornal-monstro. Lá foram guinchar o seu jubilo simiano.

Não posso dizer mal destes *macaquinhos* porque terminam com duas pilherias engraçadissimas e inteiramente novas. São estas: «Mais

dia menos dia cae-me por ahi o suspirado habito da Rosa» e «Poderei então morrer satisfeito, exclamando como o outro: Posteridade, és minha!» Peço aos amaveis leitores a gentileza de não rebentarem de riso.

Tambem não falhou o *Canhenho*, do *Canhanha*, da *Gazeta de Noticias*. Dizem-me ser este *Canhanha* o sr. Soares de Souza Junior. Sim, era justo que não faltassem ao *rendez-vous* geral da imprensa no grande festival commemorativo o chiste, a graça, a pilheria do nosso jornalismo. Era preciso mandar á Posteridade uma amostra do quanto valem.

E foi esta a amostra :

« Entre Lopes pai e Lopes filho :

« —Papai, eu não sei a que reino pertence o queijo de Minas. Será vegetal, animal ou mineral ?

« —Oh, tolo ! Pois não ves que é de Minas ? Tudo o que sae das minas o que é ?

« —E' mineral.

« —Pois então ?

∴

PENSAMENTOS DE JOÃO PAULO

«—Não com arar relogio já é economia; mas roubar o do proximo é mais: é economia social.

«—A mulher é como o sapato; á proporção que envelhece vae ficando acalcanhada.

E este procedimento, que não precisamos qualificar, não póde, sequer, ter a desculpa que a piedade humana inventou para os tôlos — a boa-fé. O sr. José do Patrocínio não é nenhum tôlo...

Qualquer espirito menos elevado e menos instruido que o do redactor da *Cidade do Rio* comprehende, sem esforço, que a causa abolicionista, hoje triumphante em toda a linha, não exigia tamanho sacrificio. Nem o sr. Ferreira Vianna, ministro, carecia dos votos abolicionistas para ser eleito por grande maioria. Bastava-lhe a inepta abstenção liberal, e, ainda sem ella, ainda que os liberaes empenhassem todas as forças contra a candidatura do sr. Vianna, bastava-lhe ser ministro, para triumphar numa eleição pleiteada num districto da capital.

Para quem seja, simultaneamente e sinceramente, abolicionista e republicano (e tal é o caso dos redactores do *Escandalo*), é evidente que a aspiração republicana é muito mais vasta e complexa, muito mais importante e elevada para que não possa ser annullada pelos interesses da solução do problema abolicionista. Já não argumentaremos dizendo, como podíamos, que a republica importaria, immediata e necessariamente, a abolição, porque tambem poder-se-ia objectar que a idéa abolicionista, mais adeantada na consciencia nacional, não devia,

legitimamente esperar pela victoria, talvez ainda tardia, da idéa republicana no Brazil.

Diremos, porém, e irresponsavelmente, que a causa da abolição do captivo está a desaparecer do scenario politico — pelo seu definitivo e proximo triumpho; ao passo que a campanha republicana tem ainda que vencer os mais sérios obstaculos. Nestas condições, a defecção capitaneada pelo sr. José do Patrocínio é um êrro e um crime.

Não concluiremos estas linhas rapidas sem oppôr ao artigo da *Gazeta de Noticias* do dia 18 que a candidatura republicana do sr. Quintino Bocayuva não esperava, nem podia esperar os votos negreiros: a isso obstava a nobre franqueza com que elle se declarava, sem attenuações nem reservas, partidario da abolição immediata.

Assim, a guerra que, em nome do abolicionismo, lhe moveram, não se comprehende — sem offensa aos seus adversarios.

Na imparcialidade da *Gazeta* devemos crêr, por todas as razões, inclusivamente porque ainda não soubemos — nem esperamos saber — que qualquer dos seus redactores faça concorrência ao compadre Barradas nos regalos culinarios com que o beato ministro afervora as esperanças do abolicionismo fluminense.

Ouvimos estranhar que o partido republicano da Côrte concorresse á eleição, com risco de

Que ingenuidade! Venda a peso o jornal e mande derreter os *clichés*.

Está na terra Coquelin, Coquelin, o grande, a alma e a vida da *Comédie Française*. Estréia-se hoje, no theatro Pedro II.

Felizardo — este publico fluminense. Como não pode ir a Pariz, Pariz vem a elle. Teve a Sarah Bernhardt, tem agora o Coquelin.

Haverá homem que entenda o francez que não vá ouvil-o na maravilhosa dicção de Molière II? Não podemos crêl-o.

A especialidade de Coquelin, a sua invenção, a sua criação originalissima — é o monologo. Elle faz do monologo um poema, uma comedia uma obra-prima — uma delicia! Para começar, vel-o-emos hoje na *Aventurière* de Augier e nas *Précieuses ridicules*, de Molière. Preparar... palmas!

V. M.

Temos recebido as seguintes publicações, cuja remessa agradecemos aos seus respectivos auctores ou edictores:

— *Physiologia do Amor*, por P. Mantegazza, illustre escriptor italiano, auctor da *Physiologia do Prazer* e de outras obras notaveis. E' a primeira parte de uma trilogia sobre o amor. Obra muito interessante e nada immoral. Trad: V. Coaracy; edict: Garnier.

— *Duas palavras sobre a Philosophia Positiva e o Espiritualismo*, pelo dr. Lycurgo dos Santos. Campinas. O nome do auctor, que é um medico de grande illustração, e os seus conhecidos estudos positivistas recommendam sobremaneira esta obra de propaganda philosophica.

— *Inferno*, de Dante Alighieri, traducção de J. P. Xavier Pinheiro; edict: J. L. de Freitas. Um bellissimo volume, nitida e artisticamente impresso pela casa de Carlos Gaspar da Silva, a quem agradecemos a offerta do exemplar.

— *La Province de S. Paulo*, guia publicado pela *Etoile du Sud*. Edict: C. G. da Silva. Parece-nos muito completo e bem organizado. Impressão magnifica. Acompanha-o um retrato do senador Antonio Prado.

— *Transformação do Trabalho*, por Polycarpo de Queiroz. Campinas. E' offerecido este livro «ao patriotico ministerio de 5 de janeiro de 1878» e defende a immigração chinesa.

— *Bibliothéca Universal Antiga e Moderna*, magnifica e utilissima publicação da casa David Corazzi, de que já estão publicados 6 volumes: *Viagem á roda de meu quarto*, de X. de Maistre; *O bacharel de Salamanca*, (2 vs.), de Lesage; *O diabo amoroso*, de J. Cazotte; *O homem e o espectro*, de C. Dickens e a *Marilia de Dirceu*, de T. A. Gonzaga.

O ESCANDALO

A imprensa, o publico e o nosso primeiro numero. — O *Lar*, do sr. Pardal Mallet: ruim, ruim e ruim.—A reeleição do sr. F. Vianna e o manifesto da Confederação Abolicionista.

Rio de Janeiro, 21 d'abril.

Não é d'hontem, mas desde longos, amargurados máus annos, que ambos nós andamos nisto de escrever para o publico. Conhecemos, o nosso nadinha, o segredo de agradar ao leitor,—entidade multipla, complexa, heteroclitica, a cujas mil cambiantes precisa adaptar-se o pensamento e a fórma do escriptor que a quer conquistar. Para o sisudo burguez, pacato, equilibrado e pautado, convém dizer graves coisas antigas, que lhe não perturbem a digestão do almôço e a convicta segurança nas instituições juradas, tão necessaria e tão firme para elle como a plácida certeza de que, ás 5 da tarde, terá, na sala fresca da chacara, o jantar da familia; cumpre, então, nem de leve, abalar as grandes bases do edificio social — a propriedade, o credito do Estado, a religião de

nossos paes, os sacramentos da Egreja e as posturas da Camara Municipal; é atirar-lhe para a frente—os interesses estaveis da sociedade, as garantias da ordem, o respeito aos superiores, o abençoado suor do trabalho.

E o nosso homem, lisongeado no seu culto do legar-commum, conceberia por nós um *platonico* e era até capaz de incluir no rol de seus habitos o de lêr este folheto.

A's meninas leitoras enviariamos as phrases musicaes da banalidade galante,—um soluço de aura perfumada, entre ondas de luar mavioso,—a fugitiva gaze duma nuvem branca a resvalar pelo alto azul divino,—e as ethereas coisas do amor e da paixão,—as sempre novas delicias do primeiro amor que amanhece, na supplica de um olhar *delle* e no rubor virginal da face *della*,—os protestos de constancia eterna, que as mãos celebram depois dos olhos, e que os labios, ainda depois, consagram com o sacramento dos beijos,—e os soluços com que arfa o seio, e os extases dolorosos das despedidas supremas...

E a leitora gentil e conquistada nunca mais ouviria sem offêgos cubiçosos o prégão do *Escandalo*; e havia de commissionar o irmão ou o primo para a compra da nossa prosa melliflua.

Ao estudante, alma sempre ardente e generosa, enamorado dos brilhos do ideal, podiamos, com segurança, pescar o nickel de tostão

com o engôdo das grandes phrases sonóras—a paixão da liberdade, as severas bellezas da democracia, o desinteresse, o amor e a gloria.

E eis-nos, descuidosos do premio certo, a rasgar o sólo duro da realidade para semeiar verdades odiosas, que ninguem nos ha de agradecer...

Desinteresse de maniacos, ou estólida, gratuita virtude, chamem-lhe como quizerem os utilitarios; é este o nosso gôsto, e só de o satisfazer nos contentamos.

Do que não cuidamos, nem muito, nem pouco, é de contentar ao maior numero, ou a quem quer que seja. Neste particular, foi o velho camponio de La Fontaine quem afinal acertou com a verdade.

Ainda agora, a respeito do nosso primeiro numero, aconteceu-nos coisa muito similhante aos remoques que, a caminho da feira, perseguiam o homem da fábula: a amavel redacção da *Epoca*, a quem, aliás, devemos gentilezas captivadoras, acha que fomos demasiadamente distribuidores d'elogios; ora, ao mesmis imo tempo, dizia-nos, em particular, um dos nossos mais estimados collegas d'imprensa, Urbano Duarte, que eramos muito pessimistas, e nos aconselhava a mais benovencia.

Entenda-se lá.

O que nós ficamos entendendo, é que o verdadeiro é perseverarmos no proposito de nos

dirigirmos unicamente pelas inspirações do nosso bom ou máu criterio. Tambem, é o unico modo de sermos inteiramente responsaveis— como o entendemos ser— pelas nossas opiniões, justias ou errôneas, mas, em todo caso, nossas, e sinceras e meditadas.

Mais do que podiamos esperar, já o temos alcançado: a imprensa diaria desta capital, com raras excepções honrosas— para nós, acolheu-nos com extrema cortezia; e o publico, a quem não lisongeámos nem illudimos, exgotou em poucas horas a primeira edição do nosso folheto, cuja tiragem no dia seguinte se elevava á terceira. É, dadas as condições do nosso meio, um exito estrondoso e que ultrapassou a nossa modesta expectativa.

A causa deste facto não é sómente, como prevíramos no nosso primeiro artigo, a malignidade do publico; é tambem— por honra sua e nossa o digamos — porque tem verdadeira fome e sêde de verdade, e parece que nos achou capazes de lh'a mitigar um pouco.

Mais de um queixou-se da nossa má impressão typographica e do nosso máu papel... Mas por cem réis, gente? !...

Um de nós, Valentim Magalhães, publicava, não ha muito, fasciculos de 32 paginas, em papel magnifico e typo novo, com capa illustrada por Belmiro, as *Notas á Margem*, uma

joia, pela qual os editores pediam quinhentos réis. O publico achava caro.

Este folheto agora é uma loucura de barateza, um tostão, cem réis, cinco vintens, pouco mais do que o preço duma chicara de café, o custo dum mau charuto ou dum engraxamento de sapatos; e então, não o podendo achar caro, acham-o mal impresso. Pois sim, caríssimos sujeitos; nós somos capazes de nos mandar imprimir pela casa Leuzinger, ou pelo Laemmert, ou pelo Lombaerts; mas, correlativamente, serão vocês capazes de pagar o dôbro pelo nosso exemplar?

Não, não é verdade? Pois, nesse caso, tambem não e não: é o papelzinho barato e a impressão barata. E olhem que já é um ôvo por um real, porque isto com que se estão regalando não é prosa de tostão!

L. DB M.

O sr. Pardal Mallet, auctor do *Hospede* e do *Lar*, é, como nós ambos, bacharel em direito, moço, advogado, e, em litteratura, segundo diz, naturalista. E' um novo, um revolucionario. Quanta razão para dizermos bem delle! e só podemos dizer mal do seu ultimo livro.

O *Lar* é, effectivamente, um pessimo livro.

Antes de mais nada, tem o indesculpavel defeito de ser fastidioso. Parece incrivel que

custe tanto a acabar a leitura dum volume de 276 paginas, de 28 linhas a pagina cheia, e que só tem cheias umas 50 paginas, se tantas! As 276 paginas estão distribuidas em 130 capitulos, o que quer dizer que ha quasi tanto de impresso como de claro neste livro. Quasi todos os capitulos são de uma folha, alguns nem enchem uma pagina. Era volume para lêr-se duma assentada, sem tomar fôlego; pois lêmo-lo em muitas sessões, e tomamos fôlego muitas vezes, — ás vezes compassadamente e d'olhos fechados.

Este romance não tem *enrêdo*, o que não é um mal; mas egualmente não tem *acção*, o que é imperdoavel.

Como concepção, não é apenas singelo, é chato e insipido como um canteiro—antes de plantado. Como fórmula, é, ás vezes, esdruxulo, esquipatico, extrambolico; mas não chega a ser original, na boa accepção artistica.

O character de Sinhá, a protogonista, é um tecido de incoherencias; e não se comprehende tão longo cortejo de circumstancias predisponentes á miseria moral, á prostituição ou ao adulterio, para que a rapariga acabe casando, singela e honestamente, como qualquer menina de boa familia e bons costumes.

O estylo é medonho. Com pretenções a moderno, é desconjunctado, desequilibrado, côxo, maneta, corcunda, zarôlho e careca. Tem fu-

runculos e tem piôlhos. Suspeitamos até que é trôpego e cambaleante pela razão de ter bichos nos pés, além dos callos e das frieiras que não tracta de esconder. Vê-se claramente que os dentes são postiços; por isso é que ri pouco e mal. Um dos olhos é artificial, e o outro tem o pequeno defeito de ser cêgo. O nariz vem coberto de papelão pintado, mas sente-se, de longe, que soffre de ozena.

Não pareça, que estamos, por perversidade, a carregar a mão contra esse pobre estylo; o demonio não vale mesmo nada.

Apontemos-lhe, ao acaso do folheiar, algumas mazellas.

Pag. 25: «E tudo isto *debitado* numa loquacidade torrencial — as palavras cahindo umas sobre as outras como um rolo de vintens arre-bentado». Gallicismo horripilante, aquelle *debitado* como synonimo de *recitado*; horripilante a construcção francezissima da phrase!

Pag. 32: «As duas criaçavam no meio de gostosas gargalhadas virguladas *em prantos*».

Pag. 51: «...brincadeiras menos *batalhosas*».

Pag. 61: «uns vestidinhos de chita feitos á *moda moderna*».

Pag. 63: «fallas *gritadiças*».

Pag. 83: «amadornentada».

Pags. 85 a 86: «Seu Sardinha já andava meio cá meio lá, quasi *medianeiro* de fortuna».

Pag. 94: « Aprestadamente mandou chamar um belchior *alli comarcão*».

Pag. 106: « *castellava-se projectos*».

Pag. 115: « As mamas *proeminiam-lhe*».

Pag. 121: « *esmilhuçando os vestidos*».

Pag. 141: « *bonanchona*».

Pag. 188: « *perfumido concerto*».

Pag. 226: « o cheiro dos cirios e do *isen-sorio*».

Pag. 248: « Pela primeira vez elle fez bailar-lhe na *testada* a idéa de casamento».

Pag. 253: « todos riam, a *victima a primeira* ».

Pag. 255: « tinham *um voto consultativo* naquelle conselho de familia ».

Pag. 265: « O tempo *escorria-se velozmente* »

Que atrevida ignorancia da lingua! que desplante! que descôco! que grandissimo desafôro! Passa fóra!!

E, na descripção dum banquete de bôdas, esta expressão gordurenta, nauseativa: « depois de comido o perú houve uma pequena pausa, durante a qual eram substituidos os pratos e talheres e retiradas as *comidas de gordura* ».

E este especimen de critica litteraria: cita, numa lista de romancistas de carregação, predilectos de uma menina de lettras gordas e gordurosas, de par com Richebourg, Boisgobey

e Chavette,— Julio Claretie, o finissimo estylista, cinzelador de phrases, artista como quem mais o seja!

Então, o sr. Pardal Mallet não sabe mesmo nada?

Pois não é que este mancebo escreve *ritual* com *y* e *th*, deste feitio extravagante — *rythual*, confundindo carnavalescamente a etymologia desta palavra com a de *rythmo*?!

Se elle até ignora que «chryisma» é masculino! duas vezes escreve «*a* chryisma»!

E' de mais, sr. bacharel! Este publico será um ignorantão e um pulha; mas sempre merece mais algum respeitinho; descomponha-o, arraze-o, escandalise-o, como nós; mas ao menos, como nós tambem, com um boccadinho de grammatica, senhor!

E' de bom gosto; experimente, uma vez!

L. DE M.

O assumpto da ultima hora, e que ha de preoccupar a attenção publica nestes dias mais proximos, até que seja devorado por outro mais interessante, ou apenas mais recente, é a re-eleição do sr. Ferreira Vianna, ministro da justiça e parece que de todas as pastas.

O que mais nos interessa na occasião, não é propriamente essa eleição, nem a estrondosa,

mas naturalissima maioria com que foi suffragado o nome do ministro absorvente, omnipresente, omnifaciente; mas um episopio dessa eleição — o manifesto da Confederação Abolicionista

Não sei se já alguma vez foi declarado, mas cremos que ninguem ignora, que essa Confederação é composta de republicanos. Pois é ella quem, á ultima hora, na vespera da eleição, sahe-se á publicidade proclamando seu candidato o ministro e, pois, seu adversario o candidato republicano sr. Quintino Bocayuva.

Nós que sabemos que o sr. José do Patrocínio, alma da Confederação Abolicionista, é hoje commensal do sr. ministro Vianna e do respectivo compadre Barradas, não estranhámos muito o facto; estranhámo-lo sempre um pouco, por entendermos — até então — que a privança do chefe abolicionista com o ministro apenas devia ter-se como um bom agouro para o futuro da causa dos escravos, e não como motivo bastante ponderoso para que o sr. Patrocínio se esquecesse do muito que ainda esperam d'elle os republicanos de fóra da Côrte.

Não sabemos dizer nada por metade, nem por meias palavras.

E' para nós bem claro que o sr. José do Patrocínio, desde o momento em que assignou e fez subscrever similhante manifesto, declarou-se desligado do partido republicano.

«—O amor tem fogo, diz a cantiga. O que o amor tem é uma boa dose de tolice.

••

« 562 — Nabuchodonosor morre desesperado por julgar-se transformado em animal. Depois d'elle não consta que houvesse morrido mais alguém de semelhante enfermidade.»

Parece-me já estar vendo e ouvindo a Posteridade a torcer-se com riso, exclamando, entre gargalhadas: «Oh! como era engraçada, como era engraçada a imprensa da Côrte em 1888!»

Foi tal a *guigne*, tão grande foi a *macaca* que presidio á feitura do famoso jornal-jornalismo, que nem mesmo escriptores notaveis como Arthur Azevedo, Machado de Assis, Patrocínio, puderam resistir-lhe, conseguiram produzir cousas á altura dos seus merecimentos e nomes. O ultimo dos referidos, na enumeração que fez dos que trabalharam pela Abolição, esqueceu-se imperdoavelmente de muitos dos que mais fizeram, alguns dos quaes foram seus companheiros de campanha muito tempo — como Ennes de Souza, Nicolau Moreira, Campos da Paz, Vicente de Souza, José Agostinho dos Reis, o *Radical* e aquella pobre moça, Luiza Regadas, o «rouxinol do Abolicionismo,» que rebentou o peito, cantando per elle, — e tantos outros ainda. Lamentavel ingratidão! Como

se esquecem depressa os vencedores de quem os ajudou a vencer !

Em summa—uma catastrophe o tal aprego-
adissimo jornal.

Mas esta justiça se lhe deve:—traz muitissimos e bem redigidos annuncios. Das seis paginas de que se compõe, quatro e meia são de annuncios. A commissão constructora d'este monumento *erçæ perennius* havia promettido que seria limitado o numero dos annuncios, preferindo-se os mais urgentes, e cumprio honradamente a promessa. Dizem que só a *New-York Life Insurance Comp.* pagou um conto de reis pela pagina inteira que occupou. Bem empregado conto de reis !

O povo apellidou o *Imprensa Fluminense*—«parto da montanha » Bem lembrado. O Pão de Assucar do jornalismo fluminense gemeu e urrou de dôr oito dias, enchendo o mundo com os seus brados, e, ao cabo, nem sequer deu á luz o Morro do Nheco:—pario um ratinho. As difficuldades e angustias da grande parturiense faziam esperar o nascimento de um *Times* ou de um *Figaro*:— pois deu á luz... o *Programma-Avisador* !

Annunciou a commissão que a tiragem seria de 500 mil exemplares e que se guardariam os *clichés* por espaço de seis mezes para se attenderem as encomendas.

prejudicar a victoria do ministro deputado. Essa censura, implicita no artigo da *Gazeta de Noticias* e, mais clara, no manifesto da Confederação Abolicionista, é uma injustiça, para não dizermos que é uma sem-razão.

Partido novo e, por sua indole, votado á lucta, não podiam os republicanos esquivar-se ao pleito do dia 19, sob pena de auctorisarem a crença de que tambem desejavam a reeleição do alto representante das instituições monarchicas. Ou concorriam á eleição, com candidato seu, ou mostravam-se anniquilados e nullos quando estava proposta á opinião do eleitorado esta consulta— se merecia a confiança da soberania nacional, que elle bem ou mal representa, um monarchista, isto é, um adversario das reformas democraticas, como tal ainda indicado pela recente escolha imperial.

Não é novo o espantalho que se tem armado contra o incremento do partido republicano --que elle está lucrando adeptos com os descontentamentos que o govêrno vae espalhando entre os proprietarios d'escravos. Que importa isso? que responsabilidade moral advém dahi á propaganda republicana? E é possivel, é practicavel, determinaar os legitimos motivos de convicção que sanccionemos, e pôr força dos que acceitemos os convertidos que se vierem em nossas fileiras?

Já houve partido que o fizesse ? Haverá já-
mais algum que o faça ?

Atire aos republicanos a primeira pedra o
que fôr innocente !

Obras de Valentim Magalhães

Cantos e Luctas, poesias, S. Paulo (esgotado)

Colombo e Nené, poemeto, Côrte

Quadros e Contos, ed. Dolivaes Nunes, 1 vol. broch. 2\$000.

A vida de seu Juca, (em collaboração com H. de Magalhães), ed. Serafim, 1 vol. broch. 2\$000.

O Gran-Galeoto, (em collaboração com Filinto d'Almeida), 1 vol. broch. 1\$000.

Vinte Contos, ed. *A Semana*.

Obras de Lucio de Mendonça

Névoas Matutinas, poesias, editor Thompson, Livraria Imperial (esgotado).

Alvoradas, poesias, ed. L. B. Garnier, r. do Ouvidor 71, 1 vol. broch. 2\$000.

O Marido da Adultera, romance, ed. M. d'Oliveira Andrade, 1 vol. broch. 2\$000 (livraria Garnier).

NO PRÉLO

Esboços e perfis, prosa, ed. Lombaerts & C., r. dos Ourives 7, 1 vol. broch. 2\$000.